

RESUMO

Autora: Liana de Figueiredo Mendes

e-mail:liana_oceanica@yahoo.com.br

Endereço: Laboratório do Oceano – Depto de Botânica, Ecologia e Zoologia/CB, UFRN, Campus Universitário – Lagoa Nova, s/n, BR 101 – Natal/RN – CEP 59072-970, Telefones: (84) 211-9205 / (84) 2153441

Como bióloga pesquisadora da região litorânea do Parque Nacional Marinho do Arquipélago de Fernando de Noronha desde 1997, e da Reserva Biológica do Atol das Rocas, apresento alguns projetos de pesquisa (já finalizados e em andamento), que são aliados ao desenvolvimento sustentável nas localidades citadas.

Uma das pesquisas enfoca a vida de peixes recifais bentônicos da região litorânea de Fernando de Noronha, mostrando aspectos importantes acerca da vida desta comunidade residente das regiões entre-marés. Destacam-se as adaptações da ictiofauna que colonizou o turbulento e variável ambiente das poças de maré e suas complexas relações sociais intra e inter específicas. Este trabalho pode contribuir para o entendimento das águas rasas de regiões costeiras que são vulneráveis às influências externas, tais como alterações drásticas de clima, poluição, pisoteamento dentre outras ações humanas destrutivas. Por ser contígua ao meio terrestre a região entre-marés responde rapidamente às alterações deste. As poças de maré constituem um panorama bastante particular e as espécies que colonizaram estes locais apresentam certa flexibilidade, sendo capazes de resistir não apenas à arrebentação das ondas, como também às flutuações abióticas. Tais habitats, devido à variedade de organismos incrustantes, possuem dos mais ricos tipos de comunidades, abrigando uma grande diversidade de peixes e outros organismos associados direta ou indiretamente ao fundo. A Laje do Boldró, em Fernando de Noronha, abriga cerca de 20 espécies de peixes residentes e o dobro ou mais de espécies de peixes visitantes, que utilizam a área como abrigo, local para alimentação e reprodução. Esta diversidade é sustentada pelo grande número de algas, macro e micro-invertebrados.

Atualmente foi instalado um dessalinizador sobre a Laje do Boldró, sem licenciamento ou qualquer avaliação prévia de possíveis impactos. Todos têm plena consciência dos prejuízos acarretados pela falta de água doce no arquipélago durante os meses de seca, e assim justifica-se o caráter emergencial de tal construção. Entretanto, não se deve desconsiderar a capacidade suporte do meio ambiente frente alterações impostas que podem gerar resultados desastrosos e irreversíveis.

O aumento da salinidade causado pelo descarte do sal produzido pelo dessalinizador ao lado da referida laje, certamente irá impactar a área podendo levar à morte várias espécies de organismos que certamente não sobreviveriam uma variação ambiental tão drástica. A construção do conduto de concreto sobre a laje pode estar influenciando na vida dos micro-habitats já estabelecidos, onde as correntes locais podem ter sido alteradas, com modificações significativas na dispersão de nutrientes, ovos, larvas etc. Enfim, a avaliação dos possíveis impactos de tal construção deveria ter sido analisada com rigor, através de um estudo detalhado de impacto ambiental, uma vez que o local em questão talvez não consiga absorver tais mudanças, sendo então ocasionado um tipo de degradação irreversível.

Apresenta-m-se algumas sugestões que possam viabilizar a captação de água doce no arquipélago, minimizando a interferência nos ecossistemas litorâneos, como: 1) aproveitamento das depressões naturais existentes no relevo do arquipélago para captação da água da chuva, tornando funcionais outros novos açudes; 2) construção de emissários coletores de água (tubulações) em locais mais profundos, garantindo um melhor funcionamento do equipamento e diminuindo os riscos de entupimento das tubulações causados pela turbulência costeira; 3) envio do sal coletado para o continente, onde este poderia ser reaproveitado. O dessalinizador, além de apresentar todos os problemas relevantes supra citados, tornou-se uma agressão aos olhos tanto da população local, quanto dos visitantes que transitam neste notório Parque Nacional Marinho.

Uma outra importante questão ambiental que está sendo investigada em Fernando de Noronha e Atol das Rocas é o recente crescimento da população de ouriços-brancos, *Tripneustes ventricosus*. Esta pesquisa visa descrever o estado das populações destes ouriços em termos da estrutura populacional, ocupação do habitat, padrão de crescimento individual, tendências de deslocamento espacial e estimativa do tamanho populacional ao longo do tempo. Os resultados permitirão entender se a ocupação espacial dos ouriços faz parte de um evento natural de expansão e retração, ou se representa uma explosão populacional oferecendo riscos à saúde do meio ambiente insular. Tal situação pode representar o reflexo de ações antrópicas como, por exemplo, a pesca. O crescimento desordenado das populações de ouriços e o decorrente pastejo realizado por estes animais podem levar a uma diminuição significativa da cobertura vegetal em ambientes recifais além de exercer forte efeito erosivo na arquitetura do recife. As altas densidades de ouriços influenciam toda a estrutura da comunidade bentônica, reduzindo a cobertura de algas e corais, e interferindo na recomposição dos estoques de peixes. Considerando a proximidade e a direção da corrente

marinha, o Atol das Rocas pode estar recebendo um grande aporte de larvas destes invertebrados, uma vez que nota-se também o considerável aumento da população destes ouriços em Rocas.

Destaca-se a grande importância do desenvolvimento de Programas Educativos nos Parques Nacionais Marinhos, aliados aos projetos de pesquisa. Através destes, tanto moradores locais quanto os visitantes têm a oportunidade de estar frente a frente com as informações ambientais que peculiares a cada localidade. Como exemplos são citados o programa de proteção aos tubarões de Fernando de Noronha e a oficina educativa “Amiguinhos do Polvo”. A divulgação dos resultados das pesquisas realizadas com cefalópodes e tubarões foram associadas às informações de conservação. O resultado foi a alteração da conduta das pessoas, principalmente das crianças, que aprenderam rapidamente como interagir e respeitar a natureza. Em relação ao projeto dos ouriços, também têm sido divulgadas informações para a população e as primeiras iniciativas educativas estão sendo bem recebidas pela comunidade, que se mostra interessada em entender o recente crescimento destes animais. Vários moradores têm contribuído para aumentar o nível de conhecimento sobre os hábitos locais dos ouriços, reportando valiosas informações.

A importância do desenvolvimento de projetos de pesquisa em unidades de conservação é óbvia, em se tratando da produção de informações que podem e devem ser utilizadas na confecção de racionais planos de manejo. Considerando o número de projetos de pesquisa *in situ*, somado à grande visibilidade de Fernando de Noronha, Abrolhos e Atol das Rocas, deveria ser considerada a possibilidade de uma infra-estrutura eficiente capaz dar suporte aos estudos que se apliquem diretamente no bem estar de tais ecossistemas insulares. Os recursos financeiros para a construção de um laboratório, por exemplo, poderia vir de fundações ambientais, empresas privadas, fundos governamentais, enfim, de segmentos da sociedade que mostrassem tais interesses. É claro que a captação de recursos, assim como a administração destes, seria de responsabilidade da referida entidade em parceria com a direção das respectivas unidades de conservação, que estariam dispostas a viabilizar tais iniciativas. Em agosto de 2005 foi realizada uma reunião em Fernando de Noronha, nesta foi exibido o Plano de Manejo à população. Na ocasião os moradores questionaram de forma polêmica a implementação do referido plano. Questões como desapropriação de moradores, escassez de água doce, fiscalização das normas, construções autorizadas e não autorizadas, problemática da energia, dentre outras. Considera-se também, que existem Projetos de Consultoria Ambiental, que podem colaborar na eficácia da gestão dos planos de manejo. Tais projetos, confeccionados por empresas de consultoria habilitadas, podem ser associados ao setor privado. Assim, através de certificações e auditorias verifica-se o bom funcionamento do plano. Estas medidas atuais poderiam representar alternativas interessantes sob o ponto de vista das dificuldades que são encontradas na gestão de planos de manejo.